



LIVRO,  
TERRITÓRIO  
POLIFÔNICO

*este era o título original.  
talvez até deixasse o livro com um tom mais profundo e solene,*

AVULSO  
TERMINOLOGIA  
POLIFONICO

*mas descartei, porque não conseguiria fazer tantas brincadeiras...*

ARTES DO LIVRO 14

Dirigida por Plínio Martins Filho

  
Ateliê Editorial

**Conselho editorial**

Aurora Fornoni Bernardini

Beatriz Mugayar Kühl

Gustavo Piqueira

João Angelo Oliva Neto

José de Paula Ramos Jr.

Leopoldo Bernucci

Lincoln Secco

Luís Bueno

Luiz Tatit

Marcelino Freire

Marco Lucchesi

Marcus Vinicius Mazzari

Marisa Midori Deaecto

Miguel Sanches Neto

Paulo Franchetti

Solange Fiúza

Vagner Camilo

Walnice Nogueira Galvão

Wander Melo Miranda

...como consigo fazer com este título.

AS ARTES  
DO LIVRO  
NA BIBLIOTECA  
DE GUSTAVO  
PIQUEIRA

 wmf martinsfontes

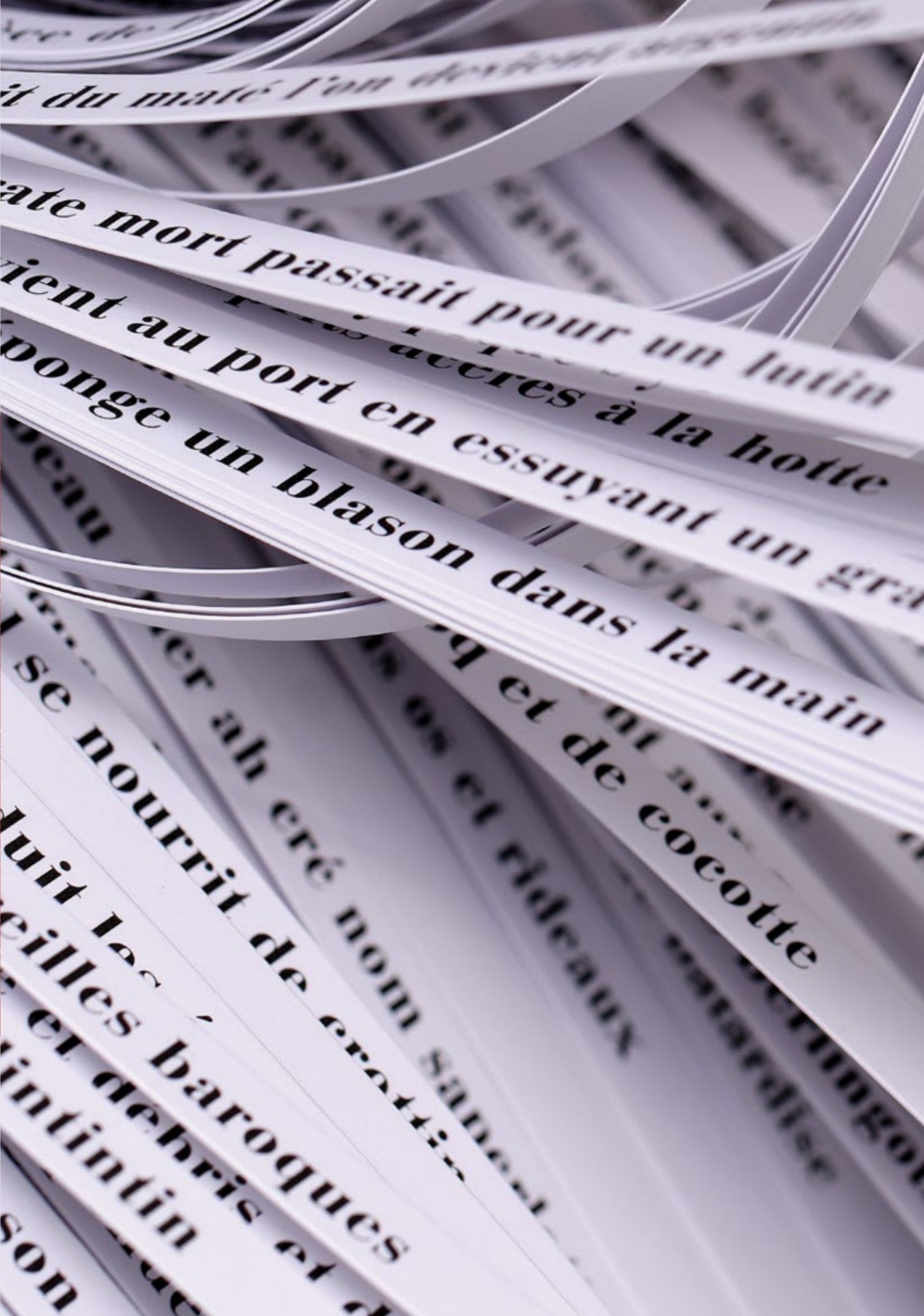
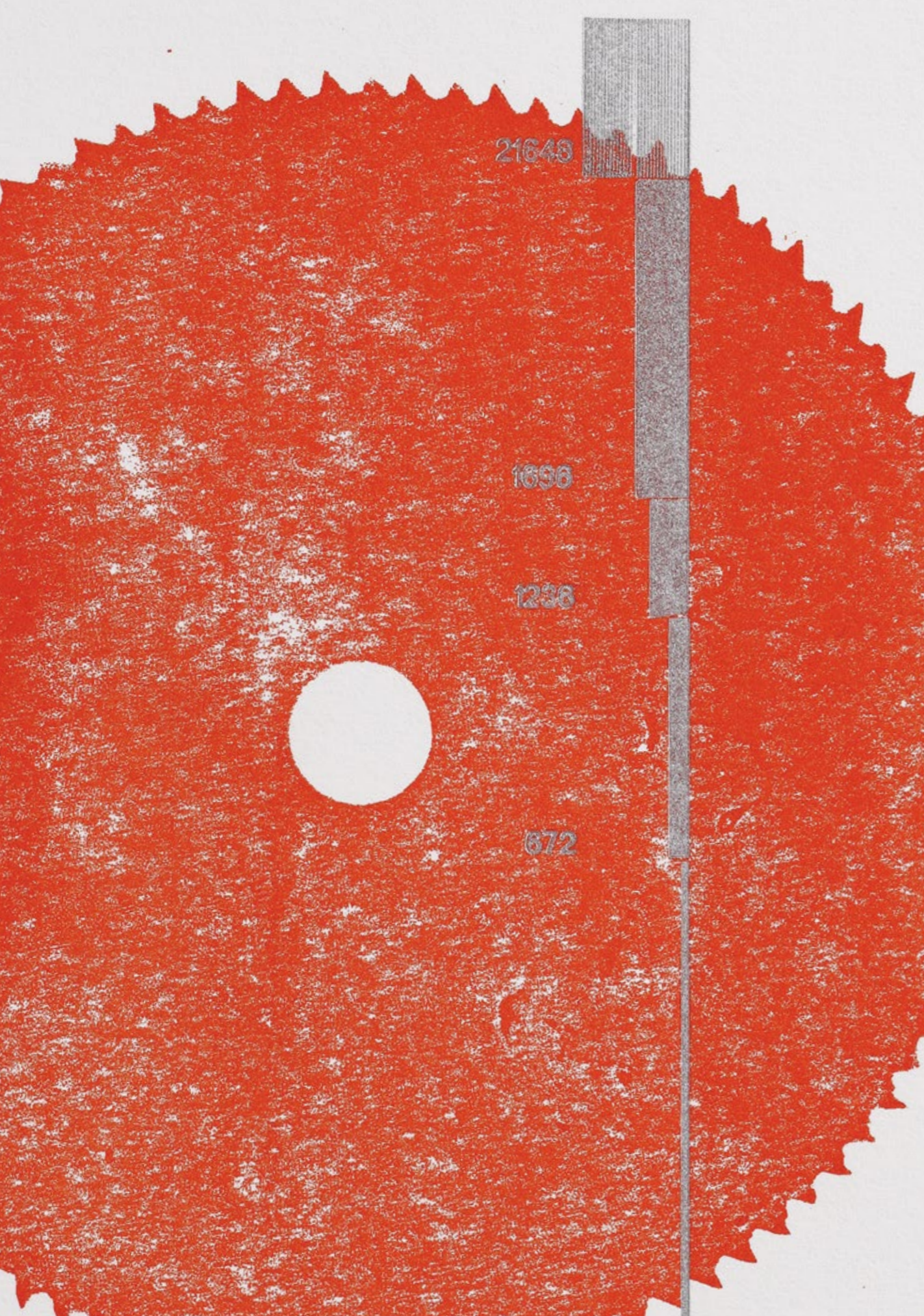
  
Ateliê Editorial

# THE PRICE OF THIS BOOK IS FIVE SHILLINGS.

This sum is fixed to cover cost of the printing, paper and 'selling' charges, no allowance is made for payment to the poet as his contribution can hardly be bought, for, as Saint Thomas says:

“All material things obey money, so far as the multitude of fools is concerned, who know no other than material goods which can be obtained for money. But we should take our estimation of human goods not from the foolish but from the wise: just as it is for a person, whose sense of taste is in good order, to judge whether a thing is palatable....All things saleable can be had for money: not so spiritual things, for these cannot be sold. Hence it is written: *What doth it avail a fool to have riches, seeing that he cannot buy wisdom.*” *Summa Theol.* Ia. 2ae. ii. 1.





DOM CASMURRO  
O LIVRO  
MACHADO DE ASSIS  
DE OCTAVIO  
PIQUET

Por trás da aparência tão familiar e descomplicada, essa palavrinha acumula significados múltiplos. Hoje, quando alguém emprega o substantivo, é possível que esteja se referindo tanto a um objeto quanto a seu conteúdo: relacionamos de forma imediata Dom Casmurro a um livro, mas essa associação pode estar vinculada ao texto de Machado de Assis descolado de qualquer suporte específico ou a um determinado volume físico que contenha a obra escrita pelo autor carioca. Ou ainda — o caso mais frequente — à mistura de ambos, sem que tomemos consciência de estarmos falando de duas coisas distintas como se fossem uma só. Da mesma maneira, ideias que não nasceram originalmente como textos impressos divididos por páginas — pense, por exemplo, na *República*, de Platão — surgem em nosso imaginário como livros, em função do longo processo pelo qual a linguagem verbal utilizou um suporte específico como seu principal veículo difusor, ao

ponto de ambos se amalgamarem num mutualismo em que mal se distingue um do outro. Como fruto disso, as tentativas de uma definição única do que é — e do que não é — um livro nunca encontraram alicerces bem definidos e já se basearam em regras tão diferentes como tipo de conteúdo, tipo de linguagem, número de páginas, dimensão, substrato, modo de produção ou tamanho da tiragem. Por vezes, tais critérios se apoiam em sólida erudição e surgem de necessidades genuínas de classificação. Noutras, não passam de meros argumentos fajutos atrás de polémicas fáceis. Não importa: seja qual for a motivação, toda tentativa de se resolver o assunto de modo monolítico acarreta, inevitavelmente, a tomada de uma ou mais decisões arbitrárias.

Aqui não foi diferente e o ponto de partida deste trabalho considera que a palavra livro se refere ao objeto físico, cujo nome técnico é códice: o volume estruturado em torno da disposição de diversos tipos de conteúdo por seu elemento medular, a página — mesmo quando um ou outro exemplo selecionado revirar esse elemento para questioná-lo (ou destruí-lo). Aqui, livro se refere ao artefato grafado; ocupado como território narrativo das mais diversas maneiras possíveis e sem restrições quanto a número de páginas ou dimensões. Fruto disso é a inclusão de obras cujo tamanho ou extensão se afasta daquelas habitualmente exigidas para que um maço de papéis dobrados possa olhar revistas, jornais e folhetos comerciais com superior desdém e afirmar: “Eu sou um livro, vocês não”.

O balizamento acima, contudo, não tem intenção de negar as outras dimensões também designadas por esse substantivo tão plural. Pelo contrário. Exatamente por entender que um livro são muitas coisas, separa uma delas das demais para discorrer sobre aqueles que são, de fato, os temas centrais destas páginas.

# ARTES DO LIVRO

NA BIBLIOTECA  
DE QUOTIANO  
PIQUEIRA

Se “livro” é verbete dos mais traiçoeiros, “artes” não fica atrás. E, como era de esperar, a expressão surgida da combinação dos dois deságua em interpretações igualmente arriscadas. Sua adoção no título deste volume, no entanto, encontra irrefutável absolvição: é o nome da coleção à qual ele pertence. Artes do Livro. E basta uma rápida examinada em seus treze predecessores para se concluir como também são amplas e múltiplas as possíveis leituras e interpretações dessa designação.

Por isso, vale assinalar mais algumas decisões arbitrárias, desta vez sobre o que aqui se definiu como *artes do livro*. Partindo da perspectiva adotada para a aceção de livro, optou-se por considerar como suas artes tudo aquilo que fosse inerente ao objeto. Tudo aquilo desenvolvido em função de suas características, possibilidades e limites; e que teve no livro seu território original e fundamental. Artes *do* livro, não artes *no* livro. Para dar exemplo

dos mais fáceis: uma série de desenhos pensada e executada tendo um livro como seu suporte primordial, com a subsequente assunção de que seria visto (lido, se preferir) pelo espectador (leitor, se preferir) de acordo com sua estrutura narrativa sequencial, foi considerada como passível de inclusão neste livro. Por outro lado, um conjunto de gravuras executadas para uma exibição num museu ou galeria, posteriormente reunidas num volume impresso, por mais ricas que fossem as imagens, não. Da mesma maneira — outro exemplo fácil —, é inegável que *Ulisses* seja obra de arte das mais grandiosas e que tenha vindo a público sob a forma de livro. Porém, dentro dos princípios até aqui expostos, também não se encaixa nesse recorte, assim como qualquer outra obra daquilo que chamamos de literatura. Seria possível, no entanto, a inclusão de alguma edição específica do trabalho de Joyce, mas por outros critérios que não apenas a qualidade de seu texto. Ou seja: o conteúdo — e aqui o termo é usado com grande abrangência — deve necessariamente ser indissociável do objeto ao qual pertence. Ao objeto de fato, não a um abstrato objeto-tipo denominado “livro”. Deve existir em um corpo material e, daquela forma, apenas nele.

Por outro lado, mesmo partindo do livro enquanto objeto, não será difícil perceber como os exemplos a seguir priorizam conteúdos — narrativas — que exploram de forma particular as possibilidades e limites do suporte e de suas tecnologias. De fato, a proposta passa bem longe da apresentação de conceitos gerais dos ofícios ligados à construção do livro, como encadernação, impressão, diagramação, desenho tipográfico etc. Quando esses itens são destacados, é porque apresentam singularidades específicas, não por refletirem supostos padrões de excelência a serem aprendidos e aplicados à produção de outros livros, nem por postularem paradigmas de algum princípio genérico de design, edição ou produção.

Em função disso, o olhar apressado pode supor que o campo deste trabalho se restringiu às obras que exploram a linguagem visual e a materialidade do livro para além daqueles ditos “normais” — aspas necessárias, pois considera-se como livro normal (texto impresso em preto, todas as suas páginas apresentando as mesmas dimensões, o mesmo tipo de papel e a mesma mancha tipográfica) um modelo que na verdade não surgiu como a norma a partir da qual os outros tipos se desenvolveram, mas sim como aquele que historicamente se impôs sobre os demais e tornou-se sinônimo de toda a espécie. Não será difícil de notar, contudo, ser precipitada qualquer conclusão a respeito de rígidas demarcações no critério de seleção: nas páginas seguintes há de se encontrar livros “normais”, bem como alguns itens paratextuais específicos, tais como capas de livro, que, se não participam do cerne narrativo da obra — troque a capa de 99,99% dos livros e o núcleo de seu conteúdo seguirá intacto —, muitas vezes possuem um grau

de autonomia que lhes outorga o passe para essas artes do livro. É inegável, no entanto, ter havido uma predileção por obras que fazem da liberdade de uso do território um de seus princípios fundamentais. Afinal, mesmo já não desfrutando hoje da influência de outrora, é raríssimo encontrarmos algo que reúna tanta história, tantas camadas simbólicas e tantas possibilidades de diálogo entre as linguagens e os saberes do homem como o livro.

# AS ARTES DO LIVRO NA BIBLIOTECA DE GUSTAVO PIQUEIRA

Por fim, a última das decisões arbitrárias: a escolha dos livros analisados. Em sintonia com a proposta geral deste trabalho, era fundamental que a seleção não insinuasse o menor desejo de se estabelecer algum tipo de cânone, bibliografia básica, 55 livros QUE VOCÊ **PRECISA** TER ou alguma outra das inúmeras — e cada vez mais presentes — variações sobre esse tema, cuja proliferação há tempos parece ter fugido do controle.

Muitas vezes nos esquecemos, mas toda seleção é feita por alguém, com gostos e objetivos próprios. Aquilo que muitas vezes consideramos como o valor de algo é, na verdade, a atribuição de valor dada por outra pessoa; reflete intenções específicas, mesmo quando estamos diante de especialistas cujas análises se apoiarão em fundamentos apresentados como os mais isentos possíveis. Longe de questionar a existência de sólidos conhecimentos e (em menor grau) de nobres intenções, dos quais resultam



escolhas realizadas por meio de critérios bem estruturados, não é segredo para ninguém o quanto hoje quase não se consegue mais dar um passo sem que alguém — ou, de uns anos para cá, algo — nos diga para qual lado devemos seguir: qual é o melhor filme para assistirmos, a melhor roupa para usarmos, o melhor produto para comprarmos. O melhor livro para lermos, a melhor opinião para expressarmos, a melhor ideia na qual acreditarmos. Logo, para não tornar este livro mais um agente disseminador dessa epidemia curatorial — uma das grandes pragas deste século XXI —, optou-se por definir um campo de seleção incompleto por natureza. Um espaço de abrangência restrita, com todos os seus buracos à mostra para, assim, evidenciar a ausência de bandeiras com os dizeres “me siga”. Um quadro circunscrito e nada ortodoxo: neste livro, podiam entrar apenas obras que fizessem parte da biblioteca de seu autor. Ou seja, da minha. Eu e minha biblioteca. Mas calma, calma. Calma. Antes de debochar do aparente surto descontrolado de vaidade e exibicionismo, pondere: trata-se de critério dos mais práticos, pois ele automaticamente garante ser inviável a qualquer dos itens da seleção arrogar o posto de “melhor” em termos absolutos (isso não seria possível nem mesmo se minha biblioteca fosse a British Library), além de dificultar a segmentação das obras nas tradicionais categorias que costumam separá-las; categorias, essas sim, as grandes adversárias deste trabalho. Os 55 títulos aqui mostrados não se propõem a causar o impacto da descoberta de livros ignorados pela maioria dos leitores (ocorre o contrário, aliás: alguns deles são velhos conhecidos). E, apesar de — é claro — todos eles me encantarem pessoalmente, sua presença nestas páginas não se constitui em uma subida ao pódio: alguns já receberam sua medalha de ouro há tempos, enquanto vários outros não foram os pioneiros em apresentar os traços realçados, nem aqueles que o fizeram com mais intensidade ou perfeição; como também não são considerados pela maioria (nem mesmo por mim) como pedras angulares em seu gênero ou pontos de inflexão da narrativa impressa. E tudo bem. O importante era o conjunto escapar de qualquer possibilidade de se assemelhar a um índice de referências para uso posterior.

Muitos deles já foram estudados com mais profundidade, e a quase todos foi permitido exibir aqui apenas uma pequena fração de suas qualidades, pois deviam obedecer a um encadeamento narrativo razoavelmente rígido, construído para manter firme o timão deste passeio licencioso por obras que não costumam habitar um mesmo ambiente. Pois, seja em cursos, seja em análises, grades curriculares e turma de amigos, cada categoria de livro costuma viver como se confinada a seu grupo, quase impermeável. Até mesmo nas livrarias, onde convivem num mesmo espaço, os exemplares são devidamente ordenados e identificados por plaquinhas que indicam o

tipo de livro — e, por consequência, o tipo de experiência — oferecido ao possível leitor em cada prateleira, estabelecendo de antemão as regras de um pacto que poderia ser mais valioso se firmado posteriormente, sem intermediários. Há, no entanto, um lugar no qual essa segmentação não consegue se impor: a biblioteca de alguém. Pois toda biblioteca é, em essência, um espaço de convivência de vozes múltiplas, muitas vezes antagônicas; uma reunião das mudanças, conflitos e erosões granjeadas por cada um no decurso de sua vida (*toda coleção é uma coleção de si mesmo*, escreveu Baudrillard). Além disso, arrumadinhas ou amontoadas, com frequência as bibliotecas individuais se estruturam sobre organizações bastante particulares, quase sempre decifráveis apenas por seu proprietário. E, já que era preciso escolher uma, nada mais natural que pinçar a única com a qual possuo real intimidade. Desse modo, o critério de triagem adotado — os livros de minha biblioteca — pode ter sido pouco usual, mas talvez não seja tão absurdo como parece: em consonância com a ideia principal da narrativa, seleciona um campo polifônico por essência e tenta fazer dessa pluralidade, com suas inevitáveis lacunas e contradições, seu verdadeiro fio condutor, indiferente às categorizações que precondicionam nosso diálogo com as obras e, ao fazê-lo, reduzem as possíveis riquezas que poderiam advir desse contato.

Durante o ano anterior à escrita deste texto, com o intuito de aperfeiçoar a costura da proposta narrativa, dei algumas aulas virtuais cujo roteiro foi quase integralmente calcado no conteúdo visual destas páginas. Ao término de cada exposição, alguns ouvintes levantavam-se para pegar em sua estante volumes distintos daqueles mostrados por mim, pois os consideravam pertinentes à discussão. Ou seja: não adotavam meu conjunto como roteiro, mas sentiam-se estimulados a buscar, em sua própria biblioteca, o seu próprio roteiro. Que poderia estar em sintonia com o meu, ou não. É exatamente essa a intenção — e a pretensão — deste trabalho: ampliar o olhar para as múltiplas possibilidades de se ler/ver os livros como um grupo de individualidades que não precisa ser uniformizado nem categorizado. *Nada de livro único entre nós, cada um terá seu próprio livro*, disse Santo Agostinho, há mais de quinze séculos.

Na lista entraram originais, edições posteriores, fac-símiles e até fragmentos. A única condição foi a de se constituírem em peças integrais, não em reproduções inseridas num outro livro. O valor atribuído das edições em si não importou na escolha: livros considerados raríssimos convivem com outros passíveis de serem adquiridos por uma pechincha, enquanto alguns tesouros que meu lado *parvenu* adoraria ostentar foram deixados de fora. Afinal, o valor estabelecido de algo não precisa consistir em sua única unidade de medida.

Não me agarram métodos, nada me força a exames vagarosos. Por outro lado, não me obrigo a reduzir um panorama, sujeitá-lo a dimensões regulares, atender ao paginador e ao horário do passageiro do bonde. Posso andar para a direita e para a esquerda como um vagabundo, deter-me em longas paragens, saltar passagens desprovidas de interesse, passear, correr, voltar a lugares conhecidos. Omitirei acontecimentos essenciais ou mencioná-los-ei de relance, como se os enxergasse pelos vidros pequenos de um binóculo: ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei até cansar, se isto me parecer conveniente.

(E não será surpresa nenhuma se você tiver achado esse último parágrafo uma pérola da escrita: seu autor é Graciliano Ramos.)

# AS ARTES DO LIVRO NA BIBLIOTECA DE GUSTAVO PIQUEIRA

Deixar marcas é um dos mais antigos impulsos humanos. Com o tempo, esses registros abandonaram paredes de cavernas e pedras empilhadas em prol de sistemas e suportes desenvolvidos para tal fim. O códice foi um deles. Não o único nem necessariamente o melhor, mas aquele que se mostrou o mais adequado a seu principal agente difusor, o cristianismo. A religião, no entanto, não inventou o modelo. A menção mais antiga a ele, aliás, vem de uma voz bem pouco pia, o desbocado poeta romano Marcial em um de seus epigramas escrito por volta do ano 84. Muitos estudiosos, porém, compartilham a ideia de que as causas decisivas para a popularização do formato foram o caráter missionário da doutrina católica, com sua decorrente exigência por um objeto mais prático de transportar que os então predominantes rolos de papiro, somado ao fato de a leitura não sequencial dos textos bíblicos demandar grande agilidade na localização de passagens específicas,